

AS BOAS COISAS NA MEDIDA CERTA

14, 15 e 16 de Agosto de 2026

XYZ

Dário Gonçalves

dario.goncalves@gruposinos.com.br

Se o nome remete a um dos explosivos mais conhecidos do mundo, o impacto da TNT sobre o rock gaúcho também pode ser descrito dessa forma. Desde que surgiu em Porto Alegre, em 1984, a banda ajudou a moldar uma geração de músicos e fãs, transformando canções como *Cachorro Louco*, *Nunca Mais Voltar*, *O Mundo é Maior Que o Teu Quarto*, *Não Sei* e *Ana Banana* em clássicos que atravessaram décadas. Hoje, mais de 40 anos depois, esse repertório continua encontrando o público nos palcos.

Longe de representar apenas um reencontro nostálgico, a turnê comemorativa iniciada em 2024 ganhou continuidade e segue percorrendo o Rio Grande do Sul. Neste domingo (16), às 20 horas, a TNT sobe ao palco do Teatro Feevale, em Novo Hamburgo, para mais uma apresentação da celebração.

Mais do que uma volta planejada durante anos, a atual fase da TNT nasceu das circunstâncias. Os integrantes já seguiam envolvidos com outros trabalhos musicais, mas o aniversário de quatro décadas serviu como o momento para reunir novamente músicos que haviam passado cerca de duas décadas sem tocar juntos. “É questão do momento mesmo. Aconteceu, coincidiu ser esse momento de 40 anos e rolou”, resume Tchê Gomes, guitarrista.

O reencontro também carrega uma percepção curiosa sobre a própria história da banda. A TNT teve uma trajetória profissional relativamente curta diante do tamanho da marca que construiu. O vocalista Charles Master lembra que o período de maior atividade conjunta foi de 1987 a 1992. Em apenas cinco anos, o grupo gravou três álbuns e consolidou um repertório que continua sendo apresentado quatro décadas depois.

Charles Master, Tchê Gomes e Márcio Petracco



Banda, que ajudou a consolidar a cena do rock gaúcho, celebra quatro décadas com apresentações especiais, incluindo show no Teatro Feevale



O primeiro álbum (87)

“Quando o Tchê perguntou quantos discos eu tenho, eu disse que tenho três, mais um DVD. Daí eu pensei o seguinte, ‘pô, como eu tenho poucos discos?’. Aí me veio essa história, a gente atuou profissionalmente mesmo de 87 a 92, né? Foi uma verdadeira bomba, e a gente continua virando gerações”, ressaltou o vocalista. “É impressionante como a duração, como o tempo ativo do TNT foi muito pouco para a marca que deixou”, observa o guitarrista Márcio Petracco.

A longevidade, aliás, não parece ser apenas uma questão de memória afetiva. Charles conta que a banda recebe relatos de pais que apresentam suas músicas aos filhos e até de crianças que ainda estão sendo alfabetizadas, mas já cantam canções da TNT aprendidas em casa. É uma transmissão de geração para geração que se tornou parte da experiência dos próprios músicos.

Fenômeno com sotaque gaúcho

Se a TNT não alcançou no restante do Brasil a mesma dimensão que algumas bandas contemporâneas, há uma explicação que passa justamente pela relação construída com o Sul. Petracco lembra que o grupo tinha no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina uma base de público muito forte. E, em determinado momento, optou por privilegiar os lugares onde já havia gente esperando para vê-los.

No eixo Rio-São Paulo, a realidade era diferente. A banda participou de programas de televisão como Xuxa e Chacrinha, onde fazia apresentações em playback. Contudo, o circuito de shows ao vivo no Sul oferecia algo que os músicos valorizavam mais: público, palco e a possibilidade de tocar de verdade. “Pro bem e pro mal, a coisa ficou... aqui o negócio é muito forte”, resume Petracco.

Tchê não vê essa permanência no Sul como uma oportunidade perdida, mas como parte da identidade que a banda acabou construindo. Para ele, as escolhas feitas ao longo da

carreira também deram aos músicos características que poderiam ter sido diferentes caso a TNT tivesse seguido outro caminho.

Essa identidade aparece também na dificuldade de enquadrar a banda em um único estilo. A TNT podia transitar entre o rock e o pop, entre referências mais tradicionais e sonoridades contemporâneas, sem necessariamente se encaixar completamente em nenhum dos grupos.

Essa mistura, que poderia ter sido um problema para uma banda tentando seguir regras de mercado, acabou se transformando em uma das marcas da TNT. A gravadora chegou a tentar interferir no jeito de cantar dos músicos, mas eles preferiram preservar a própria identidade. O resultado foi uma carreira que talvez não tenha alcançado tudo o que poderia no mercado nacional, mas construiu uma ligação particularmente forte com o público do Sul.

+ O retorno histórico

Quarenta anos depois do início dessa história, é justamente essa conexão que continua levando a TNT aos palcos. A apresentação no Teatro Feevale, em Novo Hamburgo, faz parte dessa celebração prolongada, iniciada em 2024, que ganhou novos capítulos à medida que os músicos perceberam que ainda havia histórias para contar e público disposto a ouvi-las.

Para Charles, o atual momento tem ainda uma diferença importante em relação aos primeiros shows do retorno: a maturidade. Depois de anos trabalhando separadamente e reconstruindo suas próprias trajetórias, os integrantes passaram a encarar o reencontro com mais calma, deixando que a relação entre eles e a própria banda se reorganizasse naturalmente.

E talvez seja justamente aí que esteja a maior força dessa explosão que ainda ecoa: a TNT — formada por Tchê Gomes, Charles Master, Márcio Petracco, Paulo Arcari, Fábio Ly (Musklinho) e João Maldonado — não precisa mais provar que pode chegar a algum lugar. Quarenta anos depois, basta subir ao palco e descobrir que o público continua lá.



DÁRIO GONÇALVES/ESPECIAL